



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16999 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DO MST COM AS CRIANÇAS

Franceila Auer - ESCOLA MUNICIPAL, ESTADUAL E PARTICULAR

Vania Carvalho de Araújo - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapes

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DO MST *COM AS CRIANÇAS*

Esta pesquisa apresenta como inspiração um episódio comentado pela pensadora Hannah Arendt e pelo autor afro-americano Ralph Ellison ocorrido na década de 50 nos Estados Unidos da América após a segregação racial nas escolas ser considerada inconstitucional, fazendo com que crianças negras ingressassem em uma instituição em *Little Rock*, até então de alunos brancos, gerando um alarde na sociedade. Se para Hannah Arendt, herdeira de uma tradição fundamentada na concepção clássica de política, que elimina *a priori* a possibilidade das crianças agirem politicamente, tal situação representou a exposição de crianças a um problema político que deveria ser resolvido por adultos, Ralph Ellison pontuou que as crianças negras passariam por um “rito de iniciação” (Young-Bruehl, 1997) desde a mais tenra idade, como um teste básico de sobrevivência para a vida, crítica essa que a levou a repensar o seu posicionamento.

Ao tensionar esse conceito de política, a pesquisa questiona se as crianças em movimentos sociais não estão de forma semelhante expostas com outras categorias geracionais em lutas. Privilegia como contexto de investigação o Movimento de Trabalhadores e de Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) por este assumir-se como um coletivo de homens, mulheres, jovens e crianças. Isso nos faz retomar a reflexão de Ralph

Ellison em torno das crianças negras atuarem com os adultos desde cedo em suas lutas, o que para ele se aproxima de um “ideal de sacrifício”, um “ordálio de fogo” e/ou um “rito de iniciação”, levando-nos às nossas primeiras questões de investigação: as crianças do MST não estão de forma semelhante expostas com outras categorias geracionais nas lutas deste movimento social? Estaríamos diante de uma experiência de participação política das crianças a ser considerada?

Diante de tais inquietações, esta pesquisa, em andamento, tem como objetivo analisar se a participação das crianças no MST apresenta um enfrentamento político experienciado por elas em companhia dos adultos. Para o aprofundamento do tema, dialoga também com as reflexões da Sociologia da Infância que concebe as crianças como atores no mundo e vê a infância como categoria social intrinsecamente ligada às demais categorias geracionais, assumindo a participação política das crianças como uma questão central (Fernandes, 2008). Caracteriza-se como uma pesquisa etnográfica no Assentamento Histórias Vividas do MST, localizado no norte do estado do Espírito Santo, utilizando observações, entrevistas, rodas de conversa, fotografias, produções de desenhos e registros em diário de campo com crianças, adultos e idosos.

Ao discorrer sobre a etnografia como mais do que um método fechado de pesquisa, Peirano (2014) explica que o instinto etnográfico é evidenciado em tudo aquilo que nos surpreende, que nos intriga, que nos provoca estranhamentos, que nos conecta (na concordância ou na discordância) a uma experiência que vivenciamos. Portanto, a etnografia é uma aposta de imersão no contexto investigado e pressupõe um processo de pesquisa pela ordem do imprevisível que se desvela como um acontecimento. No que diz respeito à escolha das crianças, adota-se os critérios: a) tenham idade entre seis a 12 anos; b) frequentem a instituição escolar do referido assentamento no ato do convite; c) residem no Assentamento Histórias Vividas. Evidenciamos que o terceiro critério também foi utilizado na seleção dos adultos e idosos participantes.

Os resultados parciais indicam que, em seus próprios modos de interpretar o mundo, as crianças compartilham com os adultos uma espécie de “ação”, traduzindo a política em uma experiência intergeracional no MST. Tal participação política do MST *com* as crianças que identificamos na pesquisa não está necessariamente nas cirandas, nas místicas ou em outros espaços institucionalizados previamente estabelecidos como formativos e participativos, mas sobretudo nas próprias miudezas do cotidiano. Miudezas essas encontradas na proteção dos direitos das crianças; na intergeracionalidade; nos cuidados com as infâncias; no respeito aos seus modos de ser e estar no mundo; no incentivo às reflexões

sobre acontecimentos sociais; nas colocações em seu dia a dia dentro e fora das relações com seus pares; nas suas formas de se comportar no coletivo; nas brincadeiras realizadas; no encorajamento à construção dos seus pensamentos críticos; na formação voltada aos sentimentos públicos; na construção de um espaço compartilhado; dentre outros aspectos.

Conclui-se que há um enfrentamento político de adultos *com* as crianças, sem responsabilizá-las por problemas que antecedem o seu nascimento, mas na perspectiva de *estar junto*, de considerá-las no presente e no futuro, de não deixá-las desprotegidas, de não afastá-las de um mundo do qual espera-se que elas possam agir. Ainda que haja uma experiência política no MST com as crianças representada na expressão passada e presente por meio de uma aposta na formação das novas gerações e de sua iniciação no mundo público, qualquer resposta à se elas vão inaugurar novos começos ou não se caracteriza como um oceano de incertezas, uma promessa. Elas representam um embrião político, inesperado e imprevisível, são formados para começar e para estabelecer “[...] uma realidade que lhes pertence por direito” (Arendt, 2016, p. 220).

Palavras-chave: Participação política. Infância. Experiência intergeracional. MST.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FERNANDES, Natália. *Infância, direitos e participação: representações, práticas e poderes*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.